

Estudo da utilização de medicamentos em pacientes hipertensos e diabéticos: Uma abordagem farmacoepidemiológica

EDILSON ALMEIDA DE OLIVEIRA

Farmacêutico, especialista em Farmacologia e Infecção Hospitalar.
Residente multiprofissional em Saúde da Família pela Unioeste.
Rua Souza Naves, 4013 Apto. 141 Centro, 85810-070, Cascavel (PR).
Autor responsável- e-mail <eaol@certto.com.br>

INTRODUÇÃO

Os chamados Estudos de Utilização de Medicamento (EUM) são aqueles que, independente do método, objetivo ou finalidade, visam a esclarecer tais aspectos. Eles nos apresentam uma visão geral, ou de particularidades da questão do uso de medicamentos em uma dada sociedade.

A Organização Mundial da Saúde (1977) define a utilização de medicamentos como “a comercialização, distribuição, prescrição e uso de medicamentos em uma sociedade, com ênfase especial sobre as conseqüências médicas, sociais e econômicas resultantes”.

O consumo de medicamentos é um fato social que, no seu interior, poderemos encontrar, segundo Dupuy (1979), um medicamento mágico que propicia ao indivíduo uma resposta fácil e libertadora, permitindo-lhe uma compreensão inteligível de sua condição de saúde ou mesmo, conforme diz Giovanni (1980), libertadora do imperativo de auto-conhecimento e ações transformadoras das condições da sua própria vida; um medicamento solução, que satisfaz necessidades socialmente distintas.

Para a classe de maior poder aquisitivo, é ferramenta de proteção à saúde e, para os indivíduos de menor renda, de conservação e reposição da sua força de trabalho necessário ao modelo econômico vigente. Já para Temporão (1979), um medicamento moda, que responde às necessidades e mitos explorados pela propaganda exercida junto ao consumidor e aos prescritores de fármacos. Conforme Barros (1995), as deficiências estruturais e funcionais da política de saúde praticada, no Brasil, conduzem a um consumo exacerbado e indiscriminado de fármacos, os quais muitas vezes são utilizados como medidas saneadoras de problemas básicos.

O relatório do Congresso Nacional (1980), sobre a CPI da Indústria Farmacêutica, diz que o uso de medicamentos deve ser regido por critérios médico-sanitários. Um ponto de vista que propõe sua utilização de forma racional, baseando-se unicamente

em critérios científicos. Expõe Alonso (1990) que esse rigor torna obsoleta a liberdade clínica dos profissionais prescritores, que, até recentemente, representava “o direito ... de fazer qualquer coisa que, em sua opinião, fosse o melhor para seus pacientes”.

Assim, o prescritor deve submeter-se, no exercício de sua função, ao rigor científico, às incertezas da sabedoria científica, à organização e obstáculos econômicos no setor da saúde e aos mais fundamentais preceitos éticos do exercício profissional.

A abordagem epidemiológica da utilização de medicamentos implica em reconhecer que tal prática não se restringe unicamente a fatores farmacoterapêuticos. Esse consumo é decorrência não apenas de um preciso diagnóstico clínico de necessidades objetivas, mas também de padrões sócio-culturais do indivíduo, de um grupo social ou da sociedade como um todo.

Conforme relata Almeida (1989), se o objeto da epidemiologia pode ser compreendido como “doenças em populações”, podemos, com facilidade, entender que o consumo de medicamentos em populações se apresenta como o objeto singular da farmacoepidemiologia.

Segundo Gomes & Reis (2001), em Farmacoepidemiologia, os estudos descritivos têm sido amplamente utilizados para conhecer aspectos importantes na utilização de medicamentos por determinados grupos ou populações. Estes estudos buscam conhecer a interação do uso de medicamentos com o processo global da assistência sanitária, em que ocorre o diagnóstico e tratamento das doenças, uma vez que os medicamentos estão inseridos no modo como a cultura de uma sociedade assume a saúde.

Tognoni e Laporte (1989) identificam as seguintes estratégias e métodos empregados no campo da utilização de medicamentos: análise da oferta de medicamentos, estudos quantitativos de consumo, estudos sobre a qualidade de consumo, estudos de hábitos de prescrição médica, estudos de cumprimento da prescrição e vigilância orientada para problemas.

Diante do exposto, o presente estudo farmacoepidemiológico trata da utilização de medicamentos por hipertensos e diabéticos pertencentes a uma comunidade rural do município de Cascavel/Paraná, com o propósito de conhecer aspectos qualitativos e quantitativos do consumo de fármacos antihipertensivos e hipoglicemiantes, dos hábitos da prescrição médica e do cotidiano dos indivíduos, que podem influenciar no controle destas patologias. O que pode instrumentalizar o planejamento das ações, e possibilita estimar a relação benefício/risco da farmacoterapia existente.

OBJETIVO

Realizar um estudo farmacoepidemiológico dos hipertensos e diabéticos pertencentes a uma comunidade da área rural de Cascavel (PR), atendidos por uma equipe multiprofissional de residentes em saúde da família, onde o farmacêutico está inserido, e obter, assim, os padrões de prescrição em relação à terapêutica farmacológica fornecida aos usuários acometidos por tais patologias. Pois, conforme Dupuy; Karsenty (1980), as dimensões não-técnicas de uma prescrição farmacêutica fazem com que, no ambiente psicossocial em que se registra a relação médico-paciente, o insumo medicamento se torne insubstituível, o que leva, muitas vezes, o médico a desviar-se dos princípios que regem a farmacoterapia racional. Assim como conhecer os aspectos relacionados aos hábitos de vida destes usuários que podem influenciar no controle destas patologias, os que pode servir de subsídios para uma proposta de trabalho como forma de instrumentalizar o planejamento de uma proposta de ação.

METODOLOGIA

O local definido para a realização do diagnóstico foi a sede de uma comunidade da área rural do Município de Cascavel (PR), atendida pela equipe de Saúde da Família de São João do Oeste e na qual uma equipe multidisciplinar que inclui o farmacêutico desenvolve a parte prática do curso de Residência em Saúde da Família. Sendo que esta comunidade localiza-se a 27 km do centro da cidade e a sua força de trabalho é eminentemente agrícola.

Este é um estudo descritivo do tipo documental que, segundo Cervo, Bervian (2002), são investigados documentos, a fim de poder descrever e comparar usos e costumes, tendências, diferenças e outras características. Desta forma, o farmacêutico da mencionada equipe de residentes em saúde da família com a cooperação da agente comunitária de saúde (ACS) responsável pela micro área em questão, identificaram e atualizaram por meio de visitas domiciliares, todas as fichas de cadastro do programa HIPERDIA do Ministério da Saúde (MS) referen-

tes aos usuários que compunham o estudo, sendo o mesmo desenvolvido no período de fevereiro a abril de 2003, junto às já citadas fichas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisados os dados e tendo em vista aspectos tais como o sexo, idade, tabagismo, dieta alimentar, prática de exercícios físicos e fármacos utilizados, obtivemos os seguintes resultados:

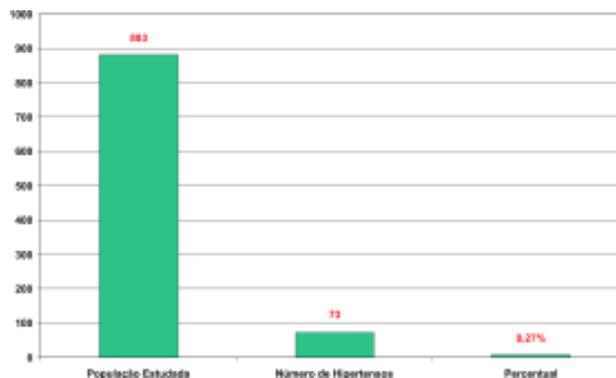


Figura 01 - Ocorrência de Hipertensão Arterial na população estudada.

Do total da população estudada, composta por 883 pessoas, 73 destas apresentam hipertensão, o que corresponde a 8,27% da referida população.

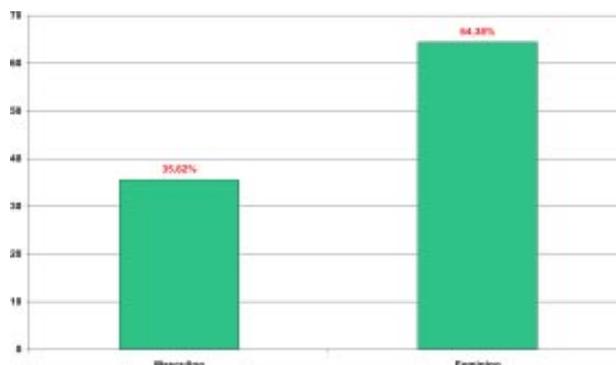


Figura 02 - Percentual de hipertensos em função do sexo.

Verificou-se que 35,62% destes pacientes são do sexo masculino e 64,38% do sexo feminino.

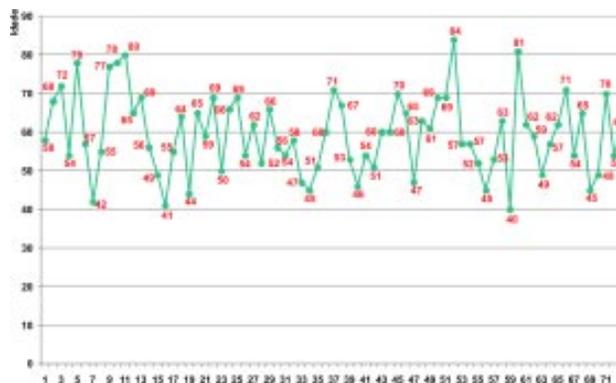


Figura 03 - Hipertensos em função da idade.

Quanto ao critério idade, foi verificada uma concentração de 51 indivíduos num universo de 73 hipertensos, na faixa etária entre 50-70anos e perfazendo assim 69,86%. Sendo que o paciente mais jovem possui 40 anos de idade e o mais idoso 84 anos.

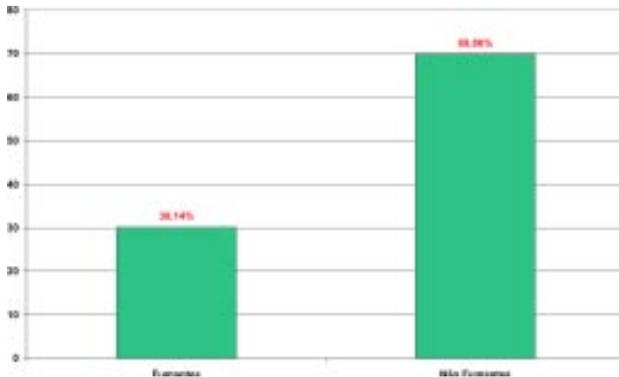


Figura 04 - Usuários hipertensos que possuem o hábito do tabagismo.

Observa-se que 30,14% dos indivíduos estudados são tabagistas (fumantes) e 69,86% não possuem este costume.

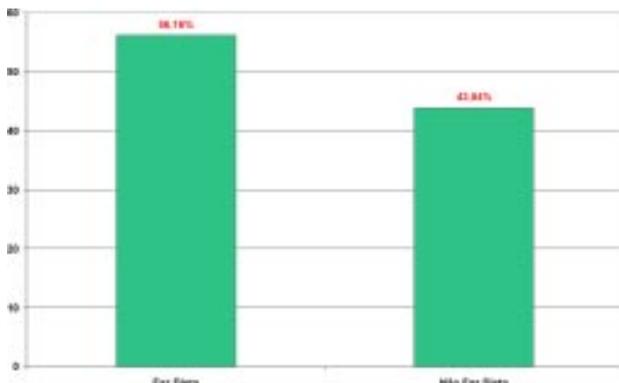


Figura 05 - Condição alimentar dos hipertensos e diabéticos.

O hábito de fazer uma dieta alimentar com restrição de sódio, glicose e colesterol inexistente em 43,84% das pessoas pertencentes a este estudo.

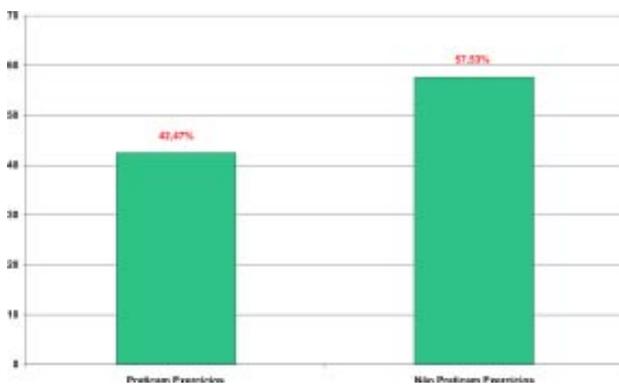


Figura 06 - Prática regular de atividade física pelos hipertensos.

Em relação à prática de exercícios físicos (no mínimo duas vezes por semana), verificou-se que 57,53% não a exercem.

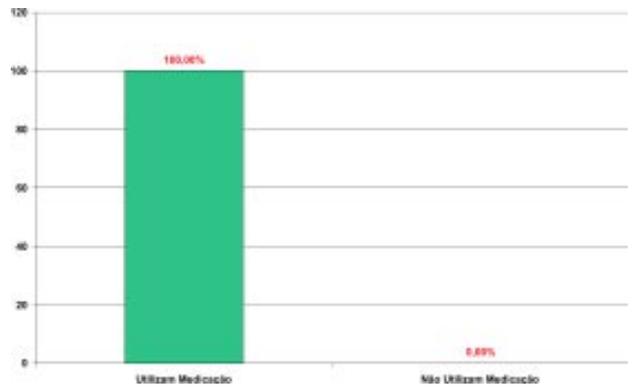


Figura 07 - Percentual da utilização de medicamentos pelos hipertensos. A terapêutica medicamentosa se faz presente em 100,00% dos indivíduos hipertensos.

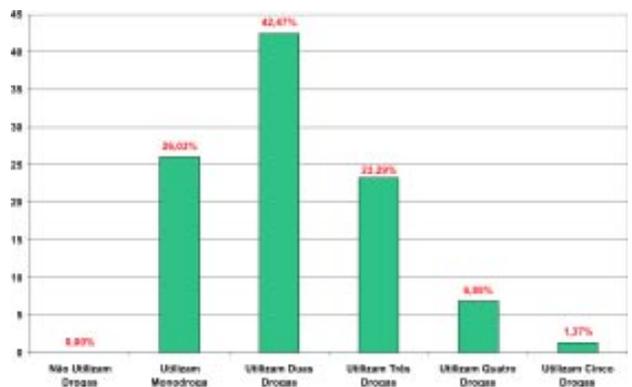


Figura 08 - Número de drogas utilizadas na terapêutica medicamentosa.

Quanto ao número de drogas utilizadas em seu tratamento, 26,03% utilizam uma droga em seu tratamento, 42,47% duas, 23,29% três, 6,85% quatro e 1,37% cinco drogas simultaneamente.

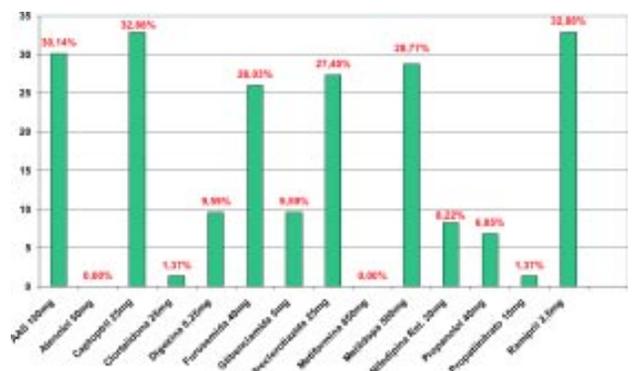


Figura 09 - Fármacos utilizados no controle da hipertensão.

Os fármacos mais utilizados: Captopril 25mg e Ramipril 2,5mg com 32,88%, Metildopa 500mg com 28,77%, Hidroclorotiazida 25mg com 27,40% e Furosemida 40mg com 26,03%.

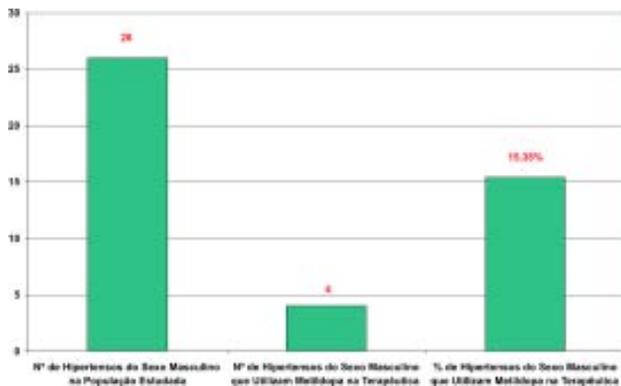


Figura 10 - Hipertensos do sexo masculino que utilizam a metildopa como terapêutica.

Dentre os usuários hipertensos e do sexo masculino, 15,38% destes utilizam-se de Metildopa como farmacoterapia.

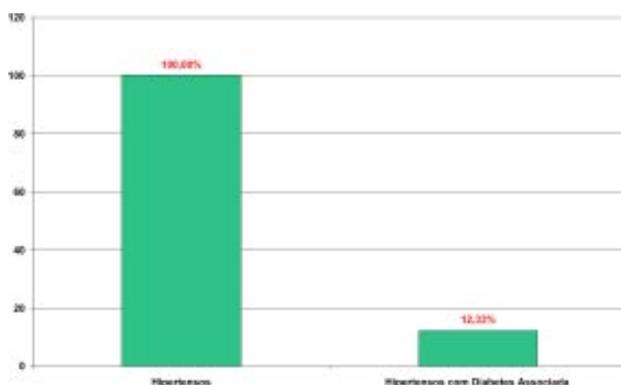


Figura 11 - Hipertensos com diabetes associada.

A ocorrência de diabetes associada à hipertensão se fez presente em 12,33% dos indivíduos.

CONCLUSÕES

Encontramos dados significativos neste estudo, que podem influenciar o controle destas patologias. Pretendemos, por meio deste diagnóstico farmacoepidemiológico, realizar uma proposta de ação junto à comunidade estudada, contribuindo, assim, com o processo saúde-doença individual e/ou coletivo, tais como: de educação permanente para os profissionais de saúde da USF e usuários hipertensos e diabéticos, realizando a adoção dirigida de ações preventivas.

Nesta ótica, alguns dos hipertensos poderiam ter sua patologia melhor controlada, através da mudança de hábito em seu cotidiano. Assim, conhecer o perfil de seu cotidiano pode ajudar no planejamento de programas de esclarecimento ou recorrendo-se a intervenções educativas dirigidas aos usuários do sistema de saúde, quanto ao hábito do tabagismo, à necessidade de uma dieta restritiva ao sódio, glicose, colesterol e da prática de atividade física.

Relata Giovanni (1980) que na evolução dos

medicamentos, suas moléculas são sintetizadas, objetivando-se maximizar seus efeitos sobre os sistemas fisiológicos, levando-o à especificidade, cada vez maior, tornando-os, assim, “mais poderosos”, sua racionalidade científica “passa a presidir as práticas que tem por finalidade a preservação e/ou restituição da saúde”. Logo, o simples ato da ingestão do medicamento não é garantia de que se tenha o restabelecimento da saúde.

A implementação de uma assistência farmacêutica efetiva, no que se refere a orientações farmacêuticas, efeitos colaterais, reações adversas, interações, cronofarmacologia, acompanhamento da adesão e eficácia terapêutica às drogas utilizadas, se faz imprescindível.

No tocante aos 65,76% dos pacientes hipertensos que utilizam algum tipo de Inibidor da Enzima Conversão da Angiotensina (ECA), este é um fato que indica o bom nível das prescrições, em função destes possuírem propriedades antihipertensivas e cardioprotetoras.

Os pacientes que possuem o hábito de fumar são de importância clínica, face às ações farmacológicas da nicotina (presente no tabaco), sobre os receptores nicotínicos dos vasos sanguíneos exercendo uma elevação da pressão arterial nestes indivíduos.

A revisão do padrão de prescrição existente também pode ser objetivada, como, por exemplo, nesta população estudada, que possui 15,38% dos usuários hipertensos e do sexo masculino utilizando-se da Metildopa no controle da hipertensão, fato este de relevância em função deste fármaco poder causar como reações adversas a diminuição da libido e impotência sexual no homem. Sendo preconizada a utilização deste fármaco para hipertensos do sexo feminino e gestante.

O fato de 100,00% dos pacientes utilizar-se de terapêutica medicamentosa demonstra como o insucesso medicamento se tornou insubstituível. Objetivando-se a melhoria nos agravos à saúde, a assistência farmacêutica deve ser, então, desenvolvida, de forma interdisciplinar, e como um dos componentes da promoção integral à saúde que pode utilizar o medicamento como um importante instrumento para o aumento da resolubilidade ao paciente.

O percentual de 12,33% de hipertensos que possuem diabetes encontra-se dentro dos parâmetros citados nas literaturas, já o fato de 100% dos diabéticos utilizarem a Glibenclamida em sua terapêutica demonstra, neste grupo, a grande responsividade deste fármaco no controle de sua glicemia, não havendo, neste estudo, pacientes que utilizem a Metformina.

AGRADECIMENTOS

A toda a equipe da unidade de Saúde da Família de São João do Oeste (Olga Zibetti) e, de forma

especial, à agente comunitária de saúde (ACS) Kelli Cristina Hoffmann Gregório, pela sua disponibilidade e auxílio na busca dos dados constantes nas fichas do programa HIPERDIA e na atualização dos mesmos realizados, através de visitas domiciliares aos hipertensos e diabéticos da sua micro área de abrangência, o que foi imprescindível para a conclusão deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida Filho N. Epidemiologia sem Números: uma introdução à ciência epidemiológica. Rio de Janeiro, Campus, 1989.
- Alonso FG. Uso Racional de los Medicamentos. Medicina Clínica 1990;94(16):628-32.
- BARROS, J. A C. Propaganda de Medicamentos: Atendendo a Saúde. São Paulo: Hucitec/Sobravime, 1995.
- CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. Metodologia Científica. 5ª edição. São Paulo: Afiliada, 2002.
- Congresso Nacional CPI - Indústria Farmacêutica. Relatório Final. Brasília, 1980.
- Dupuy JG, Karsenty S. A Invasão Farmacêutica. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- DUPUY, J. P. KARSENTY, S. A Invasão Farmacêutica. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- Giovanni G. A Questão dos Remédios no Brasil: produção e consumo. São Paulo, Polis, 1980.
- Gomes M.J.V.M. & Reis A.M.M. (organizadores). Ciências Farmacêuticas. Uma abordagem em Farmácia Hospitalar, 1 ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2001. Cap.5, p.85-108.
- Organización Mundial de la Salud La selección de medicamentos esenciales. Ginebra, OMS, 1977. (Série Informe Técnicos, n.615).
- Temporão, JG. A Propaganda de Medicamentos e o Mito da Saúde. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- Tognoni G, Laporte JR. Estudos de utilização de medicamentos e de farmacovigilância. In: Laporte JR, Tognoni G, Rozenfeld S. Epidemiologia do Medicamento. Princípios gerais. São Paulo/Rio de Janeiro, Hucitec/Abrasco: 43-56, 1989.